

BEATRIZ DA SILVA PRADO MIFANO

ROUPAS: UMA VISÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Pontifícia Universidade Católica
São Paulo
2007

BEATRIZ DA SILVA PRADO MIFANO

ROUPAS: UMA VISÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para graduação no curso de Psicologia,
sob orientação da Prof^a. Eloisa Marques
Damasco Penna

Pontifícia Universidade Católica
São Paulo
2007

Agradecimentos

Agradeço

Ao meu pai, por sempre ter estado ao meu lado, me apoiando em todas as minhas escolhas e valorizando minha educação. Por ter me mostrado uma linda e admirável maneira de viver.

À minha mãe, pela sua presença e apoio em momentos determinantes, compreendendo meus diversos estados de humor e ausências. Por ser a pessoa especial que é.

Ao meu irmão, grande amigo e companheiro em todos os momentos, por sempre estar lá. Por ser tão diferente de mim e me ensinar como isso também é bom.

À Camila, minha prima, pelas longas conversas e oportunidades de esclarecer idéias, e pelas “broncas” pertinentes. E a toda minha família pelo suporte, mesmo que de longe.

Ao BOC, minhas amigas queridas, que foram indispensáveis nesses anos todos, cada uma do seu jeito especial, por tudo que me ofereceram; principalmente a Mi, por ter estado sempre por perto em todos os momentos, pelas conversas e pelas não-conversas.

Às minhas outras amigas, que também se fizeram especiais, pela presença e por tudo que me ensinaram.

À minha psicoterapeuta, por ser ela, e por ter me apoiado neste tema, mesmo antes dele se tornar consciente e poder ser realizado. Por ter me acompanhado neste caminho.

A muitos professores da PUC, por terem me ensinado muito mais do que psicologia. Em especial a Marisa Penna, que desde o início se fez presente, disponível e acolhedora, por todos os ensinamentos e apoio.

À Eloisa, minha orientadora, pelo seu jeito, e por toda sua ajuda neste “parto”, sem a qual ele não seria possível.

A todos que acompanharam e contribuíram com esse processo, mesmo sem saber.

Área de Conhecimento: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Título: Roupas: uma visão da Psicologia Analítica

Nome do orientando: Beatriz da Silva Prado Mifano

Nome do orientador: Eloisa Marques Damasco Penna

Palavras chave: roupas; psicologia analítica; desenvolvimento da consciência.

Resumo

O presente trabalho busca uma compreensão do papel da roupa na sociedade segundo a visão da Psicologia Analítica. Trata da relação entre a constituição histórica das roupas e do desenvolvimento da consciência humana segundo Whitmont.

Para a realização desta pesquisa foi realizada uma revisão bibliográfica de conceitos da Psicologia Analítica relacionados ao tema, e da história das roupas. A partir disto foram levantadas as principais questões relacionadas às vestimentas para serem analisadas através da teoria.

A análise foi feita a partir dos temas: a roupa em sua ligação com a divisão de gêneros, seu papel social, a relação do indivíduo com seu corpo, a questão da moda, e a relação individual e coletivo. Estes temas foram relacionados com os conceitos de persona e sombra, dinamismos arquetípicos do desenvolvimento da consciência individual e coletiva.

É possível observar no desenvolvimento das roupas durante a história o mesmo movimento da formação da consciência humana, acompanhando os movimentos de construção de persona e sombra; pode-se também considerá-la como um símbolo, que expressa conteúdos do inconsciente e que pode ser utilizada como instrumento para melhor entendimento do humano. Buscou-se uma compreensão do papel da roupa atualmente, o que ela simboliza do que está constelado na consciência coletiva neste período de transição que são os dias de hoje.

Sumário

Introdução	6
Método	12
Persona e Sombra	13
Inconsciente Coletivo e Consciência Coletiva	16
Desenvolvimento da Consciência	18
História da roupa	20
Análise do percurso da roupa na história	27
Discussão	32
Conclusão	39
Bibliografia.....	41

Introdução

Pensando no tema do T.C.C., de repente me vi interessada por roupas, seu significado e o que elas dizem de cada indivíduo. Porém, tive uma certa resistência em realizá-lo sobre este assunto, pois nunca havia dado muita importância para a questão das roupas, e tinha um certo preconceito devido a aparente futilidade do tema.

No entanto, quando comecei a pesquisar sobre roupas e moda, me deparei com um número maior do que o esperado de publicações sobre o último. Diversas publicações discutiam a questão da futilidade, “as roupas nunca são frivolidade: significam sempre alguma coisa, e essa coisa está, em grande parte, fora do controle as nossas consciências.” (Laver, *apud* Fischer-Mirkin, 2001, p.13). A moda tem importante papel no âmbito social, estético, cultural, profissional, político e também econômico, é uma realidade, que necessita ser estudada (Amaral, 2000). A moda está “longe de ser uma criação artística que escapa à razão, ou a mera expressão da futilidade alheia” (Bergamo, 1998). Isso mostra que a roupa, além de ter um papel social e de linguagem não verbal, ela também mostra aspectos de seu usuário, quer ele perceba ou não. O vestuário, construído sobre o corpo, comunica, socioculturalmente, características do indivíduo e de seu grupo, mostrando que ele carrega significados, além da subjetividade de cada um (Castilho, 2004).

O tema roupa, atualmente, tem sido bastante discutido, e está em evidência, especialmente na mídia, que confere grande importância ao mundo da moda, e também ao modo de vestir das pessoas e a imagem que elas passam através de suas roupas. Porém, essa preocupação com o tema muitas vezes é mal interpretada, podendo ser vista como fútil; Mesquita (2004) explica que a moda segue a lógica do efêmero, pois está sempre em busca de novidade, e dessa forma é vista como superficial. Mendes (1994) diz que o preconceito surge por que se quer ter o controle e assim não aceita o efêmero, que impede o controle, querendo então combatê-lo. Em especial nos dias de hoje, com a presença da mídia e das tecnologias, o tempo está acelerado, há muito em pouco tempo e a necessidade de reinventar o novo está cada vez maior (Mesquita, 2004). O tempo

da moda é diferente do tempo natural que o homem está acostumado, e isso é também mais um aspecto para considerá-la efêmera.

A vestimenta como “imbricamento entre corpo e sociedade” é um “elemento que engaja todo o ser” (Cidreira, 2005, p.96), e levanta desta forma, o interesse de muitos autores sobre o tema. Porém o espaço acadêmico ocupado pela temática da moda ainda é muito frágil, especialmente no Brasil, onde o número de produções e cursos sobre o tema ainda são muito pequenos, lembrando que este ainda é um campo muito jovem (Caldas, 2004). Isso mostra a necessidade de pesquisas sobre o tema, que é pouco estudado apesar de sua enorme presença na sociedade e no dia a dia de todos nós.

Para Derballe (2004) “é pelo corpo que se inclui ou exclui socialmente” (p. 53), sendo valorizado o corpo em que a manutenção tem sido feita, ou seja, o corpo bem cuidado de acordo com o ideal da época e sociedade, pois este corpo bem mantido é o considerado belo.

“Um momento histórico no qual noções de velocidade, tempo, espaço, trabalho e saúde – só para começar – se transformam profundamente, produzem mudanças nas percepções e interações do sujeito com o seu corpo.” (Mesquita, 2004, p. 62)

Isso é o que ocorre atualmente, o corpo virou alvo das mais variadas intervenções, todas com conotações simbólicas, inclusive a roupa. Estas interferências vêm também como resposta às sensações de desapropriação do sujeito de seu próprio corpo, e é aí que o indivíduo se depara com o dilema da diferenciação versus padronização. Até que ponto ser diferente mas continuar fazendo parte do grupo? (Mesquita, 2004).

A moda não é só vestuário, “algo se torna acessível por meio das roupas, há um interesse que orienta a escolha do que vestir” (Bergamo, 1998, p.1). A roupa é apenas um dos aspectos de um conjunto de elementos que representam uma ordem estética, faz parte da representação de um estilo. Afinal, “é no vestuário

que começa a identidade do homem” (Amaral, 2000, p.1), somos abordados por esse ato cotidiano de vestir que nos acompanha desde o nosso nascimento.

O indivíduo está inserido em uma sociedade, e precisa estar adequado a ela, tanto por sua necessidade de pertencer a algum grupo, quanto em respeito aos outros integrantes desta sociedade. E dentro desta organização a roupa tem “um significado específico, e mostra a obediência à ordem social de que o sujeito faz parte” (Bergamo, 2004, p.1). “A roupa é uma construção que permite comunicar o sentido da posição do indivíduo dentro da estrutura social, é seu instrumento de realização” (Bergamo, 1998, p.1).

Considerando essa visão podemos dizer que dentro da sociedade o vestuário é uma forma de comunicação, que leva em conta o que cada um veste individualmente e a moda (Amaral, 2000). Esse vestir coletivo, a moda, também é o resultado de um conjunto de manifestações individuais, destacando a relação dialética entre indivíduo e sociedade na construção do modo de vestir desta; o sujeito é influenciado pela sociedade na sua forma de vestir ao mesmo tempo em que influencia a construção desta (Mota, 2006).

As roupas têm importante valor na sociedade, pois, além de contribuir para a organização social, são um canal de comunicação (Embacher, 1996). Apenas cinquenta por cento do que vestimos é usado para cobrir o corpo, o restante é utilizado como comunicação não verbal (Eco, 1989). A essa comunicação não verbal atribui-se o termo exprimir, pois comunicar estaria ligado a um processo regular e regulado, enquanto que exprimir remete a “algo mais misterioso, instintivo e até natural” (Amaral, 2000, p.1), ou seja, em geral não temos muito controle sobre o que comunicamos com nossas roupas. Elas mostram o indivíduo, sua identidade, seu grupo social, seu gênero, seu relacionamento com as pessoas e o mundo (Bergamo, 1998). Assim, pode-se dizer que a moda é “o reflexo das transformações da sociedade contemporânea, dos costumes e do comportamento em geral” (Bergamo, 1998, p.1). Considerando as roupas como expressão humana, veremos que elas nos dizem muito sobre cada indivíduo (Embacher, 1996), bem como da sociedade de sua época, pois depende da aceitação coletiva (Souza, 1987).

Para Souza (1987), a moda está ligada ao modo de ser, sentir e pensar de uma sociedade, e se transforma com ela. No entanto, esta transformação da sociedade, e do código de vestuário, se tornou muito rápida e exige do indivíduo um ajuste contínuo, mas que não é ensinado (Estilos de Corpo, 1989).

Há, então, a necessidade de aproximar a aparência da essência, e para tal o indivíduo precisa se reinventar constantemente para manter sua auto-estima; a transformação no corpo/vestuário ajuda neste sentido, pois cria também mudanças subjetivas (Mesquita, 2004), “o objetivo das roupas deveria ser assegurar o máximo de satisfação de acordo com o princípio de realidade” (Flügel, 1966, p. 167). Para Bergamasco (2003) a moda é a aparência apropriada em um determinado período no tempo, e também um objeto de desejo que exerce fascínio sobre o sujeito, pois os produtos exercem o papel simbólico de identidade como expressão de auto-conceito e individualidade, para os outros e para nós mesmos; os bens materiais são como símbolos do que somos, fomos e pretendemos ser. Esse valor simbólico do objeto é atribuído a roupa pelo próprio sujeito, como um conjunto de suas disposições e impressões (Bergamo, 2004). “A roupa é uma extensão da pele, uma extensão da psicologia do sujeito” (Mota, 2006, p.1), ela expressa uma determinada atitude de quem a veste (Bergamo, 1998).

A roupa, entendida como linguagem, que acresce os limites naturais do corpo e carrega significado (Castilho, 2004), considera, além dos trajes (ou seja, as peças de tecido), os adornos e acessórios utilizados pelo indivíduo, pois estes compõem seu estilo e têm significação simbólica, na medida em que também fazem parte da decoração corpórea. Desta forma, os conceitos de roupa e vestimenta dizem respeito a todos os elementos utilizados pela pessoa, traje, sapatos, acessório, e o que mais estiver compondo seu estilo.

Quanto ao indivíduo, o vestuário diz respeito à constituição do sujeito e sua subjetividade; a singularidade de cada um se compõe da interação entre seu guarda roupa, história e realidade (Mesquita, 2004). As roupas expressam aspectos da personalidade da pessoa, seu modo de pensar, se colocar no mundo, suas intenções, humor, origem, entre outros (Flügel, 1966). A roupa surge quando

surge o desejo, as primeiras peças de roupa são descritas no Gênesis, ela traz a noção de eu, do corpo individual, da captação da própria imagem (Mendes, 1994). As roupas são parte da personalidade do ser humano e tem a função de proteção pudor e enfeite (Flügel, 1966), sendo o último o mais forte, pois segundo antropólogos existiram povos sem roupas, mas não sem enfeite; e vai além, a vestimenta tem uma significação, “atinge o estatuto de mensagem, (...) de comunicação” (Cidreira, 2005, p.98). Para saber o que vestir, o indivíduo precisa saber quem é e quem quer parecer ser (Embacher, 1996). Segundo Bergamo (1998) o indivíduo “estabelece uma relação de identidade entre situação vivida e roupa usada” (p.1), pois busca, através da roupa, conferir realidade às suas crenças.

Porém, algumas vezes, a vestimenta vista como linguagem pode ser tratada de forma simplista, transformando o vestir num receituário, e acreditando que conhecendo “os significados de tais e tais cores, formas, combinações, você terá a capacidade de “construir” voluntariamente e conscientemente um look específico e adequado para cada situação” (Cidreira, 2005, p.99). Desta forma deve-se estar atento para não se limitar a “idéia de que a ‘vestimenta faz a personalidade’” (Cidreira, 2005, p.99).

Através da psicologia a roupa e suas funções podem ser analisadas para que se possa compreender melhor o seu papel na sociedade e o que ela representa, uma vez que ela está sempre presente e é utilizada por todos seus componentes. A vestimenta é mais uma manifestação humana, e acompanha seu desenvolvimento durante toda a história, e perceber suas características pode contribuir para um melhor entendimento do indivíduo, da sociedade e da época em que determinada roupa é utilizada.

A análise que será feita neste trabalho se dará através da Psicologia Analítica, e buscará as formas pelas quais a roupa pode ser entendida dentro desta abordagem. Para tal será realizada um retrospectiva histórica do desenvolvimento e uso das vestimentas e de suas funções e finalidades.

A partir disto será realizada uma investigação e análise teórica do que a roupa pode representar na psicologia de Jung. Para tal os capítulos a seguir

explicarão os conceitos da teoria que serão utilizados para uma melhor compreensão do tema. O primeiro capítulo trata da definição de persona, que está diretamente ligada a como o indivíduo se mostra para o mundo externo, e desta forma, com a roupa; discute também o conceito de sombra, que diz respeito ao que a pessoa esconde e não é aceito pelo coletivo, que também pode ser relacionado com o que se veste. O capítulo seguinte expõe os conceitos de inconsciente coletivo e consciência coletiva, relacionando as roupas como algo pertencente ao grupo, e não somente ao individual. E por fim é colocado o desenvolvimento da consciência, humana e pessoal, para que possa ser traçado um paralelo entre este e a história da roupa.

Método

Esta pesquisa pretende investigar o papel da roupa durante a história da humanidade na visão da psicologia analítica. Para tal, será realizada uma revisão bibliográfica dos conceitos da psicologia analítica relacionados ao tema, e sobre a história das roupas, baseada nos autores Köhler (1993), Laver (1989), Sevchenko (2002), Prost e Vincent (2001), Ariès e Chartier (2004) e Veyne (1992).

A partir dos dados obtidos será feita a análise, focando em quatro características importantes da roupa ao longo da história: como as roupas estão ligadas à divisão de gêneros, à divisão social, como expressam a relação do indivíduo com seu corpo, e a questão da moda, como lida com o individual e coletivo; além de suas principais funções: proteção, pudor, enfeite, comunicação e organização social.

Estes tópicos, no percurso histórico da roupa e da moda, serão articulados com a proposta de desenvolvimento da consciência de Whitmont e os conceitos de persona e sombra da psicologia analítica.

Persona e Sombra

A origem do termo persona deriva da palavra latina personae, que se refere à máscara, utilizada pelos atores da época clássica (Samuels, 1988). Jung faz uso deste termo para “caracterizar expressões do impulso arquetípico para uma adaptação à realidade exterior e à coletividade” (Whitmont, 1990, p. 140). “É o rosto que usamos para o encontro com o mundo social que nos cerca” (Stein, 2006, p.98). Desta forma, este conceito está diretamente relacionado com as roupas, pois estas fazem parte de nossa relação com o mundo externo.

Para o desenvolvimento da consciência a persona é de fundamental importância, pois faz com que nos adaptemos à cultura e à sociedade, atendendo suas demandas para podermos ser aceitos. Segundo Whitmont (1990), no início da vida, a criança se comporta de acordo com os modelos aceitáveis com que tem contato, que nesta época correspondem aos próprios pais, e vão se ampliando para a sociedade e a cultura. Conforme ela vai se desenvolvendo é preciso que o ego se diferencie da persona, para que a pessoa possa se reconhecer enquanto indivíduo, separado do coletivo, porém sem desconsiderá-lo. Na adolescência, novas personas são construídas, no sentido oposto dos antigos modelos, como uma forma de fortalecer a individualidade e de se alcançar a maturidade, independente das exigências externas. Com isso, na fase adulta pode-se constituir a persona de uma maneira mais refletida e consciente, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo.

Segundo Stein (2006), a persona, como um complexo funcional, tem uma dupla tarefa, que consiste “tanto em esconder quanto em revelar os pensamentos e sentimentos conscientes de um indivíduo aos outros” (p. 101).

“Temos de descobrir que usamos nossas vestimentas representacionais para proteção e aparência, mas que também podemos nos trocar e vestir algo mais confortável quando é apropriado (...). Se as nossas vestes grudarem em nós ou parecerem substituir a nossa pele é bem provável que nos tornemos doentes.” (Whitmont, 1990, p. 140).

Ou seja, devemos nos adaptar às diversas situações sociais, com flexibilidade, e ainda continuar sendo nós mesmos. Pois, uma vez que nos identificamos com uma determinada persona, a individualidade é confundida com o papel social, levando em conta apenas o coletivo, resultando em uma inflação. Esse estado esconde um ego rígido e ao mesmo tempo frágil, que se apóia em padrões coletivos pré-estabelecidos, se isentando das responsabilidades, o que demonstra uma fraca relação ego-Self (Whitmont, 1990). Em relação às roupas a pessoa inflada seria aquela que não tem um estilo próprio, segue a moda fielmente, se transformando constantemente, não conseguindo usar roupas que não estejam em voga.

Outra armadilha no desenvolvimento da persona é não prestar atenção suficiente ao mundo externo, tendo pouca afinidade com as pessoas, por uma incapacidade ou recusa em aceitar as exigências externas (Stein, 2006). Para esta pessoa a moda não é algo que a interesse, ficando a parte deste fenômeno, ou muitas vezes se vestindo com o oposto do que está em moda.

Segundo Stein (2006), além da relação com os objetos a persona também diz respeito à projeção que o indivíduo faz sobre estes objetos, adaptando-se ao que percebe sobre o que as outras pessoas querem, ao que acredita ser as expectativas dos outros sobre ele. “Inseridas no tecido da persona estão projeções que se originam nos complexos” (Stein, 2006, p.110), isso pode fazer com que uma persona continue sendo utilizada em contextos nos quais já não é mais necessária por influência dos complexos, que impedem o indivíduo de perceber as mudanças no ambiente e se adaptar a elas. Essa situação requer um esforço de adaptação aos novos ambientes, para os quais será preciso criar novas personas funcionais às novas situações (Stein, 2006).

Considerando, então, a persona como manifestação do arquétipo de adaptação, pode-se dizer que cada sociedade possui o seu ideal de persona, “diferentes culturas estabelecerão diferentes critérios para a persona, e haverá alteração e evolução ao longo do tempo” (Samuels, 1988). A roupa, como um dos elementos constituintes da persona, também tem seus critérios para ser aceita na

sociedade; essa padronização, referente ao vestuário de uma cultura em determinada época é o que se constituiu como moda.

Paralelamente à formação da persona, os conteúdos que não são incorporados a ela e ao ego, passam a constituir o que Jung chamou de sombra. Ela é composta pelo que é rejeitado pela consciência, pela repressão do que é considerado errado e mal, representando o inconsciente pessoal (Whitmont, 1990). Em oposição à persona, a sombra é escondida e rejeitada pelo mundo social (Stein, 2006). Quanto mais afastada a sombra estiver da consciência, quanto mais tentarmos combatê-la, mais facilmente seus conteúdos serão projetados, interferindo na nossa capacidade de ver objetivamente, nos tornando incapazes de diferenciar a realidade de nossos próprios complexos; essa projeção também pode ser feita de maneira coletiva, quando o Inimigo é personificado para toda uma cultura (Whitmont, 1990).

Porém aceitar os valores do coletivo e da persona é fundamental para a formação e fortalecimento do ego, a sombra é um fato arquetípico inevitável. Mas após este primeiro estágio, a integração da sombra se faz necessária, sendo um dos desafios do processo de individuação, que tem como meta a ampliação de consciência, fazendo com que dessa forma o indivíduo não esteja tão à mercê da influência da sombra; quando esta é reconhecida, se torna uma fonte de renovação, trazendo um novo impulso para o ego (Whitmont, 1990). Quando conteúdos da sombra são integrados à consciência, ambas se transformam, e conseqüentemente a persona também, pois diferentes conteúdos estarão na sombra, sendo valorizados novos papéis sociais; isso faz com que este processo de ampliação de consciência esteja sempre reformulando o modo como o indivíduo se apresenta através da persona (Stein, 2006).

Inconsciente Coletivo e Consciência Coletiva

Na concepção junguiana, o inconsciente é classificado em dois níveis. O primeiro é o inconsciente pessoal, que contém material de origem pessoal e reconhecível pelo indivíduo, como conteúdos esquecidos ou reprimidos e que têm maior facilidade de aflorar à consciência (Jung, 1996).

“À camada mais profunda da psique humana [Jung] deu o nome de “inconsciente coletivo” e concebeu o seu conteúdo como uma combinação de padrões e forças universalmente predominantes, chamadas “arquétipos” e “instintos”.” (Stein, 2006, p. 83)

Este inconsciente é chamado de coletivo por que “é independente do inconsciente pessoal e por ser totalmente universal; e também por que seus conteúdos podem ser encontrados em toda parte.” (Jung, 1987, par. 103). Os arquétipos são padrões que se repetem na vida de todos os seres humanos, e estão presentes como possibilidade de realização para cada indivíduo.

“O arquétipo é uma espécie de aptidão para reproduzir constantemente as mesmas idéias míticas; se não as mesmas, pelo menos parecidas.” (Jung, 1987, par. 109)

“Muito embora [a pessoa] compartilhe do coletivo como um membro da sociedade e de uma cultura em particular, ela representa uma combinação única dos potenciais existentes no coletivo como um todo.” (Samuels, 1988, p. 47)

Os conteúdos do inconsciente não podem ser diretamente observados, mas se manifestam na consciência através de símbolos, que regulam as energias conscientes e inconscientes, formando e constantemente organizando a psique, através do processo de auto regulação.

“O arquétipo é uma fonte primária de energia e padronização psíquica. Constitui a fonte essencial de símbolos psíquicos, os quais atraem energia, estruturam-na e levam, em última instância, à criação de civilização e cultura.” (Stein, 2006, p. 81)

Esta civilização e cultura são conteúdos do inconsciente coletivo que puderam ser integrados à consciência, formando a consciência coletiva. Esta consciência é composta pelo que é aceito e desejado em uma cultura em determinada época, resume os ideais a serem alcançados para que o indivíduo possa ser aceito no ambiente coletivo.

A moda é uma faceta da consciência coletiva, as pessoas devem se vestir da maneira determinada pelo coletivo para pertencer à sociedade. O que é valorizado varia com o tempo e localização, mas é compartilhado por uma sociedade como um todo.

Desenvolvimento da Consciência

Como será feita a análise das roupas através de sua história, se faz necessário o entendimento de como se deu o desenvolvimento da consciência humana durante este processo, que foi acompanhado e evidenciado pelas vestimentas.

Ao processo de desenvolvimento da personalidade Jung deu o nome de Processo de Individuação, que é

“uma pessoa tornar-se si mesma, inteira, indivisível e distinta de outras pessoas ou da psicologia coletiva (embora também em relação com estas).” (Samuels, 1988, p. 107)

Este processo individual equivale ao desenvolvimento humano coletivo, repetindo os mesmos estágios pelos quais a humanidade passou.

Segundo Whitmont (1991), o primeiro estágio do desenvolvimento psíquico humano é o matriarcal, no qual prevalece o inconsciente, as polaridades estão muito próximas, tudo existe no aqui agora, há uma forte ligação com o princípio feminino e a natureza. Neste sistema se está intimamente ligado com a fonte da própria existência, mas ainda não há uma consciência individual, somente a identificação grupal, ainda há um alto nível de indiferenciação das polaridades arquetípicas. Para a humanidade esta fase, chamada de mágica, corresponde ao período da Idade da Pedra até a Idade do Bronze (Whitmont, 1991). Para o indivíduo este estágio matriarcal se dá na primeira fase da vida, até aproximadamente três anos de idade, quando prevalecem os objetivos de sobrevivência e propagação da espécie, através do corpo, da sensualidade, do prazer, da alimentação, do desejo; a criança está indiscriminada de seus pais, especialmente da mãe (Neumann, 1995). Neumann (1995) diz que para um desenvolvimento saudável do ego e de sua relação com o Self deve haver um equilíbrio entre as tendências de adaptação social e automorfismo, o desenvolvimento do eu genuíno.

O dinamismo seguinte no desenvolvimento é o patriarcal, ou fase mental para a humanidade. A partir deste momento começa a se desenvolver o controle da natureza (interna e externa) e o ego é dominado pelas leis e ética do coletivo, a consciência coletiva rege o indivíduo. O comportamento social passa a ser prioridade, havendo um autocontrole, e para isso se desenvolve a persona e conseqüentemente a sombra (Whitmont, 1991). A entrada da criança no patriarcado, para Neumann (1995), se dá quando a ordem e a discriminação são introduzidas, através do pai, quando há aquisição da linguagem e do pensamento simbólico e para isso é necessário que já haja uma consciência formada. A figura do pai impõe os deveres e a realidade, renunciando ao desejo e ao prazer imediato, e para isso a criança precisa ter recursos para lidar com a frustração. O modo que o complexo paterno irá se manifestar depende desta figura externa de pai. Neste processo a figura da mãe sai do primeiro plano, fazendo com que a criança se ressinta com isso, criando uma imagem negativa da mãe, que necessita ser trabalhada. Com o predomínio da consciência muitos conteúdos são rejeitados, e em oposição à persona se forma a sombra, que tende a aparecer através de projeções.

Com a instauração do conflito consciente-inconsciente, os opostos se separam e são hierarquizados. Porém Whitmont (1991) coloca que este estágio patriarcal, de separação dos opostos, é necessário para o desenvolvimento e estruturação da consciência, para que desta forma, tanto a humanidade, quanto os indivíduos, possam passar para o próximo modelo de funcionamento, que seria o da alteridade. Neste modelo deve haver uma reaproximação dos opostos e uma integração dos conteúdos projetados, mas de forma diferente do matriarcal. Uma assimilação dos valores individuais, menos dependentes do coletivo, mas ao mesmo tempo sem desconsiderá-lo, também são metas desta etapa do desenvolvimento.

História da roupa

Para podermos entender melhor o papel da roupa em nossa sociedade, devemos compreender sua origem, o contexto em que ela surgiu, sua função e finalidade. O desenvolvimento da moda durante a história esteve relacionado com o ideal de beleza da época, e portanto, com o corpo e a relação dos indivíduos com este, influenciando o que será colocado sobre ele; é também no corpo que a subjetividade é concretamente materializada (Mesquita, 2004). Assim as roupas, como outros aspectos da cultura, nos dão informações sobre os indivíduos e a sociedade em que foram criadas e utilizadas; bem como sobre suas transformações, pois acompanham seu entorno.

As primeiras roupas inseridas em uma civilização, na história da humanidade, após a pré-história, são encontradas nos povos da antiguidade, como os egípcios, sírios, babilônios, hebreus e fenícios, por volta de 3000 a 1000 a.C. (Köhler, 1993). Suas vestes eram compostas por uma tanga, mantos e capas de diferentes tecidos, variando conforme a posição do indivíduo na sociedade, especialmente relacionada à religião; os homens e as mulheres se vestiam da mesma forma, havendo pequenas variações no vestuário dependendo da região em que se localizava o povo (Köhler, 1993).

Segundo Köhler (1993), a partir dos persas, em torno de 1000 a.C., pode-se observar uma mudança no estilo das roupas, elas se tornam um pouco mais sofisticadas, sendo compostas por meias, calções e túnicas e sapatos de couro. A diferenciação entre a vestimenta dos homens e das mulheres começa a surgir. Agora as roupas além de classificar socialmente também distinguem os gêneros.

Já em Creta, por volta de 1500 a. C., há um grande desenvolvimento da técnica de fabricação das roupas, elas se tornam mais delicadas e as tangas e capas são ornamentadas. As mulheres se vestem com saias em camadas, com babados e jóias (Köhler, 1993).

Em 600 a.C., na Grécia, o traje utilizado são retângulos de tecido, sem costura, drapeados no corpo. Ambos os sexos se vestem da mesma forma, apenas variando o comprimento do traje, o dos homens até o joelho e das

mulheres até o tornozelo. Os tecidos eram bastante variados, sendo coloridos e bordados, e dependiam da posição do sujeito na sociedade, sendo essa a principal função da roupa nesta época. A forma desta vestimenta foi se desenvolvendo junto com o desenvolvimento da civilização (Laver, 1989).

Já os romanos têm um traje mais desenvolvido, a toga, que é uma túnica com muito tecido. No princípio não há diferença entre os sexos, mas aos poucos esta vai surgindo, e a mulher passa a usar uma túnica íntima por baixo da outra (Köhler, 1993).

Em todas estas civilizações, a roupa, além de ter importante papel social, passa a ter a função de esconder o corpo, que só era descoberto nos banhos e na hora de dormir. O nu passa a ser sagrado, em especial o feminino, pois está relacionado à fecundidade e ao processo da vida, e para que o corpo não fosse idolatrado no sentido sexual e pecador, segundo a religião, era preciso vesti-lo; assim, o corpo adorado passa a ser o vestido e enfeitado. Esse pensamento leva ao seu oposto, o medo e ódio ao corpo, e cria um conflito entre bem e mal, relacionado ao corpo, que perdura por toda história (Veyne, 1992).

Na Idade Média, por volta de 600 d.C., as diferentes nações e os povos bárbaros se vestiam de forma semelhante, com túnicas. Aos poucos, seus trajes foram se modificando, adquirindo características próprias de cada região, até a época das Cruzadas, que reuniu a Europa, trazendo novamente uma uniformização dos trajes. Os homens vestiam camisas, túnicas curtas, capas e broches, e as mulheres camisas, túnicas longas e faixas amarradas (Köhler, 1993). Nesta época a vestimenta estava muito relacionada às normas religiosas, que estavam presentes em todos os âmbitos da sociedade.

No século XI, as roupas se tornam mais ajustadas ao corpo, e a presença de calças e meias no vestuário masculino se torna mais forte (Laver, 1989). No século seguinte as mangas das roupas se alargam, porém o corpo permanece justo; se faz presente o uso de chapéus, e para as mulheres o do corpete. No século XIII passa a se utilizar mais capas no lugar dos casacos, as mangas diminuem e os decotes se tornam maiores (Köhler, 1993).

As roupas adquirem novas formas no século XIV, e passam a ser mais variadas, dando início ao que virá a ser a moda, com transformações em períodos de tempo cada vez mais curtos, sendo que a indumentária feminina é a que passa por maior modificação (Laver, 1989). São utilizadas muitas sobrevestes e grandes adornos de cabeça. Surge o espartilho para as mulheres e seus vestidos agora são divididos em dois, saia e corpete de cores diferentes. As capas não são mais utilizadas e as roupas se ajustam novamente no século XV, os vestidos têm grandes caudas e o decote passa a ser em “V” (Köhler, 1993).

No final da Idade Média, do século XV até o século XVIII, a limpeza corporal se limita ao rosto e as mãos, as partes expostas. O cuidado então se concentra no que é visível, ou seja, as roupas se tornam mais importantes e sofisticadas durante esse período, e passam a obedecer a normas religiosas e morais, que associam a nudez ao pecado original (Ariès e Chartier, 2004).

Segundo Laver (1989), apesar de todas as regiões da Europa terem a mesma base para sua vestimenta, no século XVI as roupas passam a ter características mais definidas de seus países, como a Itália, que foi a região que mais se diferenciou nesse aspecto. Apesar de ser mais luxuosa devido à prosperidade mercantil, os italianos se vestiam mais informalmente. No geral toda a sociedade se vestia da mesma forma, porém os tecidos utilizados variavam conforme a classe social, estando presentes aí as leis suntuárias, que proibiam o uso de determinadas vestimentas para quem não fosse da nobreza, sendo a principal o uso restrito da cor vermelha (Laver, 1989). Os calções dos homens se tornam mais curtos e largos e as golas maiores. Aparecem os recortes nas roupas, permitindo que o forro apareça, e os decotes utilizados pelas mulheres são retos e baixos. A roupa da mulher nessa época é mais modesta que a do homem, porém é valorizada a sedução, e barbatanas e anquinhas (estruturas para sustentar as blusas e saias) começam a ser bastante utilizadas, dando diferentes formas para os trajés (Köhler, 1993). Na metade do século XVI, as cores e formas vivas que eram utilizadas, por influência alemã, deram lugar à moda espanhola, caracterizada por cores mais escuras, principalmente o preto, e modelos mais sóbrios e rígidos (Laver, 1989).

Na França, no século XVII, ainda estão em vigor diversas leis suntuárias. Os trajes passam a ser mais justos e mais flexíveis, com menos enchimentos, e se utiliza muitos enfeites nas roupas, como rendas e fitas. As roupas masculinas passam por diversas transformações, dependendo do rei, que decidia o que utilizar e o povo copiava; no reinado de Luis XIV as perucas foram muito utilizadas por esse motivo. Para as mulheres, a cintura fina e amplos vestidos são utilizados, assim como grandes decotes, deixando a roupa de baixo, que era trabalhada, à mostra (Köhler, 1993).

As dimensões das roupas diminuem no século XVIII, e a variação é maior, porém mais concentrada nos adornos e não tanto no corte dos trajes. No final do século, especialmente após a Revolução Francesa, o estilo das roupas se torna mais simples, prático e confortável, é a moda inglesa, que utiliza poucas cores e tecido. A partir de 1800 a moda europeia sofre influência clássica e oriental, os vestidos são longos, com pregas e pouco decote, e os xales são muito utilizados; aos poucos os bordados vão sendo introduzidos. Pela primeira vez há uma transformação nos calçados, que passam a ser sem salto. No fim do século, os trajes serem saudáveis passa a ser uma preocupação, estes passam a ser ainda mais confortáveis e sem tantos adornos, há influência dos trajes esportivos nos sociais, e a mulher pela primeira vez começa a usar calças (Laver, 1989). Há também uma maior difusão da moda quando os periódicos passam a circular mais. Todas essas transformações refletem as mudanças de valores que estavam ocorrendo, junto com o estabelecimento de uma nova estrutura social (Laver, 1989). No Brasil, a moda tinha a tendência de acompanhar os ditames franceses, chegando uma época em que quem não estivesse vestido decentemente não teria acesso ao centro da cidade (Sevcenko, 2002).

De 1900 a 1939 é o período chamado de belle époque (na França) ou era eduardiana (na Inglaterra), e é caracterizado pela extravagância e ostentação, há abundância de rendas, plumas e botões. No pós-guerra o corpo se torna cilíndrico, reto, devido ao formato das roupas utilizadas. Na segunda década deste século, grandes chapéus e saias afuniladas são utilizados, deixando a mulher com o formato de um triângulo invertido; o estilo oriental e o decote em “V”

estão presentes. Na década de vinte as saias encurtam, assim como o cabelo das mulheres, criando um visual andrógono, o que causa uma revolução no modo de vestir (Laver, 1989). Nesse período, o Brasil continuava seguindo fielmente a moda européia e americana, muitas vezes tentando reduzir a realidade brasileira a esses modelos importados de sociedade (Sevcenko, 2002).

As transformações na sociedade mudaram a relação das pessoas com suas roupas, o maior acesso às máquinas de costura, levou as mulheres a costurar mais, confeccionando as roupas da família e muitas vezes ajudando na economia doméstica. A máquina de lavar contribui para a melhor conservação das roupas, o que passa a ser cada vez mais importante e exigido (Sevcenko, 2002).

A década de trinta, após a depressão americana, traz de volta a moda anterior, com saias longas, cintura fina, mangas compridas e ombros largos. O foco erótico passa das pernas para as costas, que agora estão mais a mostra, devido à influência dos banhos de sol, que viram moda, e faz também com que os trajes de banho diminuam. Em relação ao modo de vestir, as classes sociais estão mais próximas, e a variedade de modelos disponíveis está maior. Para os homens, que não são mais o foco da moda, os ternos vão encurtando e os trajes, no geral, vão se informalizando (Laver, 1989).

O entre guerras foi, para a burguesia, uma época de liberação do corpo, período em que pôde se libertar das roupas que aprisionavam; as meias, calcinhas e sutiãs ganham espaço, pois os tecidos são mais maleáveis e deixam o corpo mais a mostra. Agora a aparência física depende mais da forma do corpo do que da roupa, o que faz com que este tenha que ser bem cuidado. Foi nessa época também que ocorreu a explosão publicitária, com a difusão dos meios de comunicação, que vendia, além dos novos costumes de higienização, um novo estilo de vida, transformando a sociedade de consumo (Prost e Vincent, 2001).

Após a segunda guerra, no fim da década de quarenta, a moda refletia a situação econômica e política vigente, e passa a ser limitada, tendo pouca liberdade de expressão, deixando as roupas restritas, devido também a economia de tecido. Então, há a valorização da liberdade, o luxo e a beleza são colocados em destaque, como uma nostalgia de uma época segura; há o

crescimento do prêt-à-porter e do foco nas roupas jovens. Isso se estende até a década de sessenta, onde a moda realmente se concentra nos adolescentes, refletindo a nova cultura da época, que valoriza o jovem (Laver, 1989). Para se manter assim as pessoas deveriam se cuidar mais, o que transpôs para o cotidiano as práticas de férias, trazendo a influência ainda mais forte dos esportes para o cotidiano (Sevcenko, 2002). A incerteza quanto ao futuro faz com que as mudanças sejam muito rápidas. O desejo de se rebelar traz roupas muito curtas (como a mini saia, que causou uma ruptura no padrão vigente), transparências, formas duras e geométricas, além de estampas chocantes e a utilização de fibras sintéticas; os acessórios metálicos e plásticos também têm presença marcante nessa época (Laver, 1989).

A tendência seguinte traz o oposto do que estava na moda, a década de setenta é marcada por características mais humanas, trazendo fibras naturais e estampas florais e campestres, é quando surgem os hippies, buscando um outro tipo de escapismo para uma época ainda de incertezas. O corpo passa a ser mais coberto, porém as formas deste são mais ressaltadas através das roupas, por vezes sendo revelada alguma parte deste (Laver, 1989). O corpo erótico agora é o que está em boa forma e é mostrado, se iniciando uma nova maneira de habitar o próprio corpo. O corpo agora é o lugar da identidade pessoal, ele é a própria pessoa e a realidade desta (Prost e Vincent, 2001).

A partir daí o movimento feminista ganha mais força, a luta contra os papéis sexuais pode ser vista nas roupas, as mulheres vestem roupas masculinas como um sinal de igualdade entre os sexos, há a diminuição no uso de saias. As roupas passam a ser unissex, o que pode ser resumido com a popularização do jeans (Prost e Vincent, 2001).

Ao mesmo tempo os códigos de indumentária se atenuam, as mais diversas roupas são toleradas, o individualismo no vestir se torna o lema, e a independência e coragem são valorizadas na busca de um estilo pessoal. Porém a função da moda é mudar, e assim qualificar as pessoas socialmente, separando os que seguem e os que não seguem a moda. Vestir-se bem mostra mais do que

o gosto individual, manifesta o conhecimento dos códigos sociais do indivíduo (Prost e Vincent, 2001).

Outra característica desta nova moda é a pluralidade de situações para que uma mesma roupa pode servir, mostrando como o código do vestuário está mais sutil. O passo que se segue a esse é o deslocamento das roupas, que passam a estar desvinculadas de seu significado original, seu uso convencional é retirado para ser atribuído um sentido pessoal, roupas que antes eram específicas para alguma situação agora são utilizadas nos mais diversos contextos. As normas estão mais descontraídas, e há um esforço para se introduzir as particularidades pessoais na vida pública, porém os códigos sociais não desaparecem, e continuam sendo sociais, ou seja, não se pode se vestir de qualquer jeito. E até hoje o desafio é ter bom senso para se vestir, mas sem ficar a par da moda (Prost e Vincent, 2001).

Análise do percurso da roupa na história

Observando a história da roupa e seu desenvolvimento, podemos perceber alguns temas relacionados a estas, e acompanhar suas transformações e relação com seus contextos, entendendo estes temas de acordo com a função e finalidade da vestimenta em cada um deles. Dentre os temas mais comumente associados à vestimenta podemos destacar quatro características importantes da roupa ao longo da história: como as roupas estão ligadas à divisão de gêneros, seu papel social, como expressam a relação do indivíduo com seu corpo, e a questão da moda, como lida com o individual e coletivo.

Segundo Flügel (1966), as roupas têm três principais funções: proteção, pudor e enfeite; pode também ser vista como um canal de comunicação (Cidreira, 2005) e como um elemento que contribui para a organização social (Embacher, 1996). Porém, muitas vezes, uma roupa pode ter mais de uma função simultaneamente, mostrando sua complexidade. Segundo estas quatro categorias podemos analisar os temas que surgem no desenvolvimento das indumentárias.

Se seguirmos como se deu a divisão de gêneros através das roupas podemos observar que no início da história esta divisão não existia. Ela passa a se manifestar a partir de 1000 a. C., com os persas, e em Creta (Köhler, 1993). Na Grécia, por volta de 600 a. C., homens e mulheres voltam a se vestir da mesma forma, apenas variando o comprimento do traje, o dos homens até o joelho e das mulheres mais longo, até o tornozelo (Laver, 1989). Novamente em Roma pode ser observado esse mesmo movimento, de inicial indiferenciação entre as vestimentas de ambos os sexos, para sua gradual distinção (Köhler, 1993). Isso perdura até o século XI, quando os homens passam a utilizar mais calças ao invés de túnicas, marcando fortemente a divisão de gêneros através das roupas, que é reforçada no século XIV, quando o foco da atenção das roupas recai sobre a indumentária feminina, permanecendo até os dias de hoje (Laver, 1989). Essa distinção rígida entre os gêneros perdura até o fim do século XIX, quando muitas normas sociais passam a ser questionadas, fazendo com que haja uma primeira tentativa de reaproximação na indumentária dos gêneros. Isso pode ser visto quando as mulheres começam a usar calças, no fim do século XIX, e

reaparecendo com maior força na década de 1920, quando o visual andrógono surge e é valorizado, revolucionando o modo de vestir (Laver, 1989). Logo após essa época, a separação dos gêneros volta a ser clara novamente, até a década de 80, quando o movimento feminista ganha mais força, e as mulheres passam a se vestir como os homens, como um sinal de igualdade entre os sexos (Prost e Vincent, 2001). A partir daí a liberdade da mulher para utilizar peças do guarda roupa masculino passa a ser quase que total, porém o inverso não é aceito, as mulheres ainda tem exclusividade sobre algumas peças de vestuário.

Podemos relacionar este papel das roupas, de divisão de gêneros, à função de enfeite, que podem ser diferentes dependendo do sexo; e de pudor, relacionado às normas morais que regem o comportamento de homens e mulheres. Além de se referirem à posição social de cada sexo dentro da sociedade, quase sempre o masculino superior ao feminino.

A outra característica das roupas, que será analisada, é a divisão social que ela representa, na qual, através das vestimentas, os indivíduos são classificados quanto a sua posição na sociedade. Essa função pode ser observada desde que as roupas estão presentes nas sociedades, diferenciando as diversas funções de seus componentes. Até o século XIX, as principais distinções feitas pelas roupas eram relacionadas aos que tinham poder dentro da sociedade, sendo que estes se vestiam basicamente da mesma forma que o resto da população, porém variando os tecidos de que as roupas eram feitas, sendo os da camada privilegiada mais finos e elaborados, além de terem exclusividade na utilização da cor vermelha, em alguns países da Europa. O auge desta separação social pela roupa acontece nos séculos XVI e XVII, quando as leis suntuárias proibiam o uso de determinadas vestimentas para quem não fosse da nobreza. Outra distinção social feita pela roupa foi em relação à religião, em que os membros pertencentes à instituição religiosa dominante na época se vestiam de forma diferenciada do restante do povo (Laver, 1989), como, por exemplo, os trajes clericais nos séculos XVI e XVII, que têm variados significados, para a sociedade e dentro das próprias ordens religiosas, diferenciando os participantes desta (Ariès e Chartier, 2004).

Já no que diz respeito à relação do indivíduo com seu corpo podemos observar como a questão do enfeite, do pudor e da proteção estão presentes. Os enfeites podem ser vistos durante toda a história, pois, do ponto de vista estético, dizem respeito a como a pessoa se mostra para o externo; porém em algumas épocas os enfeites/vestimentas são mais importantes que o próprio corpo, como no período dos séculos XI ao XIX, quando as roupas eram grandiosas, escondendo ou transformando e estendendo os formatos do corpo. Em outras épocas, como nos povos da antiguidade, ou a partir do século XX, a roupa como enfeite tinha como função destacar o corpo, colocando em evidência algumas de suas partes, mostrando o que era considerado belo.

Este esconder e mostrar do corpo variou de acordo com a época, as normas sociais e religiosas, estando relacionado com a função de pudor exercida pela roupa. Isto pode ser observado após as civilizações greco-romanas, invadidas por povos de climas mais frios e também com a influência do cristianismo. E também no século XI, quando as roupas se ajustaram ao corpo e se tornaram mais rígidas, demonstrando maior estrutura, seriedade e maior controle sobre si próprio, em oposição à imoralidade associada às roupas frouxas (Flügel, 1966). Flügel (1966) considera este impulso de pudor como uma função inibitória, dirigida contra as tendências primitivas de exibição do ser humano, tendo origem predominantemente social e relacionada com a quantidade de corpo exposto ou com as partes expostas e acentuadas pela roupa.

De acordo com Flügel (1966), a questão da finalidade de proteção relacionada ao vestuário vê a roupa como casa, que oferece tanto proteção física, contra o ambiente e suas variações climáticas, quanto moral e psicológica, contra a influência da magia e dos espíritos. Esta última motivação foi a principal para o surgimento da roupa, pois, para a mente primitiva, a causa de todos os males estava relacionada a agentes mágicos e espirituais, e deu origem aos amuletos protetores, usados para se proteger, através da “segurança da força moral que a roupa pode proporcionar” (Flügel, 1966, p. 67). Atualmente esta parece não ser a principal função da roupa, no entanto as primeiras formas de arte tinham uma

função utilitária, isto é, mágica, que aos poucos foi se transformando apenas em estéticas e decorativas, como vemos hoje (Flügel, 1966).

Por fim podemos discutir a questão da moda, que segundo Laver (1989) tem início no século XIV, padronizando os costumes de vestir de uma determinada época e vai se transformando, cada vez mais rápido, necessitando ser seguida para que o indivíduo possa ser aceito na sociedade. A partir deste século é a nobreza que dita as transformações nas vestimentas, sendo seguida pelo povo, chegando ao ponto em que esse poder de decisão sobre o que vestir ficou centralizado nas mãos do rei, na França do século XVII (Laver, 1989). No século XVIII, a moda passa a ser criada pela classe alta da sociedade, onde se encontram os primeiros estilistas, que buscam inspiração em outras épocas e culturas para suas criações. Esse padrão de funcionamento da moda se transforma juntamente com a sociedade (Laver, 1989), e aos poucos vai se desvinculando da política e religião e passa a ser uma instituição própria, mas sem deixar de sofrer influências do que ocorre ao seu redor. Mota (2006) destaca a relação dialética entre indivíduo e sociedade na construção do modo de vestir, onde a moda é influenciada pelo indivíduo ao mesmo tempo em que o influencia.

Outro movimento que podemos observar na história da moda é sua rigidez, a necessidade de segui-la para pertencer ao grupo social. Já na antiguidade, na Grécia e em Roma, as roupas indicavam uma filiação à sociedade (Veyne, 1992). Porém neste período o pertencer à sociedade estava mais relacionado com o fato de se utilizar roupas, que não tinham muita variedade de estilos, do que com o formato da roupa em si, como foi acontecendo nas épocas seguintes. Da Idade Média até o século XIX as normas de vestimenta deviam ser seguidas fielmente para o indivíduo ser bem aceito na sociedade, mas isso começou a mudar no século seguinte, quando o pensamento vigente também vai se transformando. Especialmente a partir da década de 1960, a necessidade de obedecer à moda vai se suavizando, havendo mais liberdade e aceitação para as manifestações pessoais dentro de sociedade, quando a identidade pessoal passa a ser o próprio corpo do indivíduo (Prost e Vincent, 2001). Esta liberdade tem seu auge na década de 1980, na qual as normas estão mais descontraídas, as roupas saem de

seus contextos originais e podem ser utilizadas e misturadas de acordo com o gosto pessoal, mas o código social nunca deixa de existir (Prost e Vincent, 2001).

Dentro destes aspectos podemos ver que a roupa é um canal de relação do indivíduo com o mundo (sociedade, ambiente), com o outro e consigo mesmo. Assim, estas questões serão analisadas mais a fundo de acordo com os conceitos da psicologia analítica, para uma melhor compreensão deste fenômeno que é a roupa.

Discussão

Podemos observar no desenvolvimento das roupas durante a história o mesmo movimento da formação da consciência humana, acompanhando os movimentos de construção de persona e sombra, e constelação dos complexos na humanidade. Esse desenvolvimento será analisado através das características de divisão de gênero, divisão social pelas roupas, a relação dos indivíduos com o corpo e a noção de moda.

Na primeira fase, a matriarcal, da Idade da Pedra até a Idade do Bronze, as roupas, que se constituíam de peles de animais, eram utilizadas para proteção contra o frio, com a função de sobrevivência e preservação da espécie, o que é característico deste período matriarcal. As pessoas tinham um grande contato com o corpo, pois dependiam unicamente dele para a sobrevivência e o prazer, mas isto se dava de forma mais inconsciente, devido à não diferenciação das polaridades. Havia pouca noção de pudor e de enfeite. Uma vez que a consciência era grupal, as vestimentas individuais não importavam para o grupo, todos seus componentes eram como se fossem um, não havendo assim a necessidade de se esconder ou se enfeitar para o outro. Também nesta época não havia a diferenciação de gêneros através da vestimenta.

Aos poucos o homem começou a se diferenciar, separando consciente e inconsciente, e se separando da natureza, foi passando gradualmente para o período patriarcal, esses primeiros movimentos podem ser vistos através das roupas nos povos antigos, Egito, Pérsia, Creta, Grécia e até Roma. Neste momento as polaridades foram se separando e logo em seguida hierarquizadas. A divisão social através das vestimentas foi a que se instalou primeiro, e a partir daí foi se constituindo uma persona coletiva, formada pelo que era valorizado pela época e pelo povo. Esta persona expressa pela vestimenta deveria ser obedecida pelos indivíduos para que pudessem ser aceitos pelo coletivo; também tinha como função indicar as classes sociais - quem deveria ser respeitado e quem deveria respeitá-los. Simultaneamente ocorreu a formação da sombra, onde o que não era aceito socialmente ficava escondido, a roupa começa a esconder e controlar o

corpo e o que a ele está relacionado, como a sensualidade e as emoções, que não são mais a base do funcionamento das civilizações e da consciência.

Nos povos antigos, o corpo vestido passa a ser valorizado, e classificado de acordo com a roupa que usa, e o nu é agora considerado sagrado. O corpo vestido esconde e preserva o indivíduo no ambiente público, distinguindo o âmbito privado e o âmbito público, podendo representar uma maior discriminação das polaridades individual-coletivo e eu-outro. Através das normas religiosas, o contato com o próprio corpo passa a fazer parte da sombra. Essa dinâmica de rejeição do corpo perdura durante toda a história, e a valorização do corpo vestido também, mas a maneira como isto se dá, como a persona se configura através das roupas, passa por diversas modificações.

É também com os povos antigos que os primeiros ensaios de diferenciação de gêneros começam a aparecer. No início destas civilizações os gêneros aparecem indiferenciados, mas conforme vão se desenvolvendo e se tornando mais conscientes, os homens e as mulheres passam a se vestir de maneira distinta, mesmo que no início as diferenças nas indumentárias sejam sutis. Um exemplo disso é na Grécia, onde o que variava entre os trajes era o comprimento das túnicas, sendo a feminina mais longa do que a masculina, devido às funções realizadas por cada sexo. O masculino e suas atividades já começam a ser mais valorizados do que a posição que é atribuída à mulher, controlada e dependente do masculino, mostrando um início de repressão também do feminino, que vai sendo colocado na sombra.

Quanto mais diferenciada a consciência humana vai se tornando, a distinção entre os gêneros fica cada vez maior, os sexos passam a ter roupas cada vez mais características. Na Idade Média os homens começam a utilizar calças, o que se intensifica no século XI. As sociedades se tornam mais estruturadas, e seu código de vestimenta também, os grupos passam a exercer influência sobre o modo de vestir uns dos outros, mostrando um maior nível de identidade social.

Com o desenvolvimento da consciência individual, o homem se torna consciente também de seu corpo, mas seguindo as normas da época,

especialmente as religiosas, logo passa a rejeitá-lo, o que o coloca cada vez mais na sombra. Na Europa, ainda no século XI, isso pode ser observado através do ajustamento das roupas, que significa um maior controle do próprio corpo e seus instintos. Porém, após esse período, até o século XIII, essa contenção é suavizada, as roupas se alargam um pouco e passam a ser mais decotadas, mas o que estava definido por persona e sombra permanece, a repressão do corpo e do feminino e a hierarquização das polaridades se acentua.

Novamente no século XIV as regras de vestimenta se tornam mais rígidas, dando início à moda, demonstrando o dinamismo patriarcal se instalando progressivamente no âmbito das roupas. Com isto a diferenciação entre os gêneros se intensifica ainda mais devido à polarização que se torna mais forte. Os trajes de cada sexo passam a ter características bem distintas. A partir daí a mulher passa a ser o foco da moda, este aspecto fica sendo uma característica do feminino, que é colocado em destaque, enfatizando a função de enfeite relacionado às roupas para este sexo, enquanto que para os homens a roupa está ligada às atividades que estes realizam, tendo uma função mais funcional. As vestimentas utilizadas pelas mulheres a partir desta época eram muito apertadas, além de esconderem as formas do corpo limitavam os movimentos, é quando o espartilho começa a ser utilizado, e o vestido se divide em saia e corpete, sendo destacada a diferença pelo uso de cores distintas em cada peça. Isto pode ser entendido como uma forma de controle sobre a feminilidade e as características a ela atribuídas, como a sensualidade, os instintos e os sentimentos, que são relacionados ao corpo; desta forma, além do contato com o corpo estar reprimido no inconsciente, constituindo a sombra, o feminino também está, e suas expressões são recriminadas nas mulheres e principalmente nos homens. Aí fica evidenciada a hierarquização das polaridades, onde o masculino é valorizado e estimulado, enquanto o feminino é mantido na sombra. No século XVI, o controle sobre o feminino continua, quando são inseridos em seu vestuário anquinhas e barbatanas, para modificar e esconder o formato do corpo, estas estruturas eram pesadas e limitavam os movimentos.

Nos séculos seguintes esta dinâmica continua vigorando, as roupas permanecem ajustadas e são o foco da atenção ao invés do corpo, que fica constantemente escondido, não podendo nem mesmo ser limpo. A persona ainda está submetida às normas religiosas, que condenam a exibição do corpo, e este passa a estar constantemente sujo por baixo das roupas, exprimindo a sombra relacionada a ele.

Esta situação permanece até o século XVII, e durante este período a classificação através da roupa se intensifica ainda mais, culminando com as leis suntuárias, que proibiam o uso de determinadas vestimentas para quem não fosse da nobreza, demonstrando uma extrema separação dos pólos entre os que tinham poder e riqueza e os que não o tinham. É nesta época também que o poder de decisão sobre o que deveria ser usado fica centralizado apenas em uma pessoa, o rei, demonstrando uma obediência extrema do povo às leis e a ordem da autoridade, o que é uma característica típica do dinamismo patriarcal.

No século XVII se inicia uma mudança no modo de vestir, o forro das roupas passa a aparecer e estas se tornam mais flexíveis, o que pode representar um certo contato com a sombra, deixando à mostra e prestando atenção no que está por baixo das roupas.

No século seguinte esse movimento continua, o tamanho das roupas diminui e a variação de estilos aumenta, havendo uma transformação mais intensa do que as que vinham acontecendo. Com a Revolução Francesa e a mudança de pensamento e modelo de sociedade, as roupas passam a ser mais confortáveis e simples, sendo sua praticidade e o fato de serem saudáveis para quem as veste levados em conta. Os sapatos pela primeira vez voltam a ser sem salto, podendo indicar, juntamente com as outras mudanças que vinham ocorrendo, um maior contato com a realidade, uma desinflação e uma diminuição da identificação com a persona anteriormente valorizada, trazendo um novo modelo a ser seguido.

Mesmo com as transformações que estavam acontecendo nos trajes da época, tornando-se mais saudáveis e menos rígidos, a necessidade de seguir a moda ainda era muito forte e necessária para se poder fazer parte da sociedade, no entanto, o modo de se vestir das classes sociais começa a se aproximar. Isso

mostra como o dinamismo patriarcal era o único modo de funcionamento da sociedade, e para haver uma mudança neste modelo são necessárias muitas tentativas para que esta de fato ocorra. Estes ensaios para uma transformação podem ser observados nas tendências do modo de vestir que se diferenciam do estilo que predomina na moda, antes que uma transição para um novo modelo de consciência possa se concretizar ela é sinalizada de diversas formas em menor proporção.

Nesta mesma época, no final do século XIX, acontece a primeira tentativa das mulheres usarem calças, como um início de mudança de valores, porém sem muito sucesso, mas na década de 1920 esse movimento é retomado, com o encurtamento das saias e o surgimento do visual andrógono. Isto pode ser visto como uma tentativa de aproximação dos pólos masculino e feminino, mas que não é bem sucedida, pois apenas a mulher assimila características masculinas, como cabelo curto e corpo sem curvas, que logo são descartadas na próxima década, voltando à moda anterior.

As roupas e a moda passam então a ser mais acessíveis e valorizadas, o consumo também aumenta a partir da década de 1930, há uma aproximação dos pólos relacionados à divisão das classes sociais, pois estas passam a se vestir de forma mais parecida. Porém as exigências da persona coletiva ainda são observadas; a aparência vai se transformando e se tornando mais informal, com o corpo menos coberto e com roupas que o ressaltam, mas a rigidez de se obedecer à moda permanece.

Após a Segunda Guerra, a liberação do corpo que vinha se iniciando com o novo estilo de vida, tem uma regressão, a liberdade de expressão e a ostentação ficam limitadas. A dificuldade de realizar uma mudança de padrão e sair do esquema patriarcal se mostra mais uma vez.

Na década de sessenta novamente um impulso de renovação aparece, o prêt-à-porter se populariza, tornando o aceso à moda mais fácil, e uma nova persona, focada nos adolescentes e na juventude, surge como moda. Agora o envelhecer, consequência natural da vida, passa a não ser aceito e combatido, integrando a sombra. Essa nova persona que é formada se opõe ao que antes era

aceito, demonstra uma rebeldia através de roupas curtas e transparentes, que exibem o corpo, revelando um aspecto que antes pertencia à sombra. Mas isto é mais uma inversão das polaridades, pois a separação e classificação dos opostos permanecem.

Na década seguinte esta tendência continua, com algumas diferenças, a natureza é mais valorizada com o movimento hippie, e o corpo passa a ser a base da individualidade, sendo valorizado por sua beleza e cuidado, constituindo a persona desta época. A divisão social através da roupa também continua a diminuir, e os pólos vão se aproximando neste âmbito.

A próxima mudança significativa que pode ser observada no modo de vestir é a que acompanha o movimento feminista, na qual passa a ser aceito que as mulheres se vistam de forma similar aos homens, e o estilo agora é unissex. Isso reflete a mudança do papel da mulher na sociedade e o que é valorizado nesta posição; elas conquistam direitos iguais aos homens, sem no entanto os adaptarem à suas condições, e em busca de serem aceitas se identificam com a persona masculina ainda muito valorizada que vigora. O que acaba ocorrendo é apenas uma inversão das polaridades, uma enantiodromia, pois apenas a mulher passa a valorizar para si as características masculinas, mais uma vez reprimindo o feminino. Os homens por sua vez continuam como sempre estiveram, com um papel bem definido, e tendo poucas opções de vestimentas, que durante a história quase não tiveram modificações, mostrando a rigidez e o pequeno repertório atribuído ao modelo ideal de masculino durante o período patriarcal. Com isto há uma confusão dos papéis que devem ser desempenhados por cada sexo, mas ainda sem se encontrar uma nova posição para eles. Esta indistinção passa a ser menor a partir da década de noventa, mas um novo estilo ainda não é encontrado para cada gênero.

No final do século os códigos de vestimentas estão mais sutis, e a moda menos rígida, o estilo pessoal e a individualidade no vestir passam a ser valorizados, o que mostra uma mudança de valores que começa acontecer. A relação com o corpo também se transforma, pode-se agora transitar mais livremente entre as possibilidades sem se fixar em uma única maneira de lidar

com o próprio corpo. Essa nova visão leva em conta o indivíduo e sua contribuição para o coletivo, e o indivíduo também considera o coletivo nas suas expressões através das roupas. Apesar do código de vestimenta continuar existindo a liberdade na escolha das roupas é quase que total, e mesmo a moda se permite utilizar estilos de todas as outras épocas com algumas alterações para criar o atual, que no entanto não traz muitas novidades.

As funções da roupa de proteção, pudor, enfeite, comunicação e organização social, também vão se alternando durante a história; mesmo com todas essas funções presentes em todos os momentos, algumas se destacam em determinadas épocas. No período matriarcal, a proteção é o principal motivo para se utilizar roupas; nas civilizações antigas, o enfeite o pudor e a classificação social passam a ter maior influência sobre o vestir. A partir da civilização grega até o começo do século XVIII, o pudor é uma forte razão para se vestir, juntamente com a classificação social e o enfeite. Por fim, a comunicação e o enfeite passam a estar em destaque desta época até os dias de hoje.

Observando os movimentos que aconteceram com as roupas ao longo da história podemos perceber como eles acompanham o desenvolvimento da consciência e a dinâmica consciente-inconsciente que foi ocorrendo. A cada fase (matriarcal, patriarcal e alteridade), a transição através das vestimentas fica clara, bem como os movimentos das tentativas de transformação e as nuances dentro dos próprios dinamismos. Com a sofisticação da consciência e da sociedade a forma de vestir também foi se tornando mais complexa e diversificada, acompanhando esse movimento.

Conclusão

A partir do que foi visto sobre a roupa podemos considerá-la como um símbolo, que expressa conteúdos do inconsciente e que pode ser utilizado como instrumento para melhor entendimento do humano. No entanto a vestimenta não é muito considerada com esta finalidade de expressão, sendo na maioria das vezes, apenas vista em sua função estética.

As roupas, durante a história, podem ser compreendidas como mais um símbolo que anuncia as mudanças que ocorrerão no coletivo, pois as tendências e estilos, presentes em pequenos grupos, vão surgindo e se intensificando, até que façam parte da sociedade como um todo, aos poucos os conteúdos vão surgindo do inconsciente até serem integrados pela consciência coletiva e expressos pela persona.

Uma questão, que se faz notar pela contradição que apresenta, é se com o desenvolvimento da consciência individual o indivíduo necessita provar que pertence ao coletivo, se submetendo cada vez mais a moda, que vai se tornando mais rígida. Isto faz pensar em como as polaridades individual-coletivo estão se articulando nesta época. Pode-se levantar a hipótese de que os indivíduos, de forma coletiva, não desenvolveram suficientemente a conexão consigo próprio, o fluxo ego-Self ainda não está fortalecido para a saída do patriarcal, necessitando do suporte do coletivo e se identificando com a persona.

Em relação ao que se observa hoje, o que está acontecendo na moda, podemos dizer que alguns indícios de alteridade podem ser percebidos. A individualidade está sendo mais respeitada, as regras de vestuário quase não existem, dando maior liberdade de expressão para os indivíduos, sendo aceitas as mais diversas combinações de estilos, apesar das tendências regressivas que, às vezes, se fazem presentes.

Por outro lado, pode-se apontar como atualmente a moda parece estar mais liberal, porém só é produzido e disponibilizado para compra o que está na moda, não deixando muitas opções para as pessoas escolherem e utilizarem a liberdade que aparentemente lhes é oferecida. E ao mesmo tempo, esta indústria que está constantemente se reinventando, não produz muitas novidades, apenas

revisita as tendências de outras épocas, e as recombina de diferentes formas, alegando não ter regras.

É interessante notar que apesar de indícios de alteridade se mostrarem presentes na vestimenta, características do dinamismo patriarcal são fortemente observadas, o que nesse período de transição aparece como uma falta de definição relacionada às roupas e à moda. Contradições e ambivalência das polaridades podem ser vistas nos estilos de vestir, no que diz respeito principalmente à classificação social, divisão de gêneros e separação das idades. Aparentemente há uma flexibilidade para se vestir como quiser, porém também é observada uma homogeneização dos estilos, das classes sociais e especialmente das idades, o estilo jovem e adolescente é valorizado desde as crianças até os mais velhos.

Tudo isso pode ser entendido como uma tendência à transformação, que se apresenta de forma criativa, mas que também pode ser apenas uma inversão das polaridades. A persona coletiva atualmente se mostra confusa, aparentando total liberdade, mas que pode estar deixando na sombra alguma rigidez e discriminação, que acaba aparecendo de forma indireta através da roupa e da moda que está sendo valorizada.

Além de expressar o desenvolvimento coletivo, as roupas podem ser utilizadas de forma individual como recurso dentro de um processo terapêutico, como mais uma fonte de informação para o autoconhecimento, pois diz respeito a como o indivíduo se relaciona com o mundo externo e o coletivo, através da persona, que manifesta também conteúdos inconscientes.

Bibliografia

AMARAL, I. Junho de 2000. Disponível em: <<http://revistacomum.no.sapo.pt/dossiersmoda.htm>>. Acesso em: 16/03/2007

ARIÈS, P.; CHARTIER, R. *História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

BERGAMASCO, D. F. F. *Além do espelho: o relacionamento entre a mulher contemporânea e a moda*. 2003. Tese (doutorado em ciências sociais). PUC-SP.

BERGAMO, A. *O campo da moda*. *Rev. Antropol.*, São Paulo, v. 41, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011998000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 Mar 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0034-77011998000200005

BERGAMO, A. *Elegância e atitude: diferenças sociais e de gênero no mundo da moda*. *Cad. Pagu.*, Campinas, n. 22, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 Mar 2007. Pré-publicação. doi: 10.1590/S0104-83332004000100005

CALDAS, D. *Observatório de sinais – teoria e prática da pesquisa de tendências*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2004.

CASTILHO, K. *Moda e linguagem*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004. (Coleção moda e comunicação).

CIDREIRA, R. P. *Os sentidos da moda*. São Paulo: Annablume, 2005.

DERBALLE, F. L. S. *Alimentação, corpo e contemporâneo: você tem fome de que?*. 2004. Tese (doutorado em ciências sociais). PUC-SP.

ECO, U. et al. *Psicologia do vestir*. Lisboa: Assirio e Alvim, 1989.

EMBACHER, A. F. *Moda e identidade – a importância do vestuário do ponto de vista psicológico no processo de desenvolvimento de identidade de jovens de nível sócio econômico A do sexo feminino*. 1996. Tese (mestrado em psicologia social). PUC-SP.

ESTILOS DE CORPO. Vídeo: direção Margareth Williams. Inglaterra: Channel Four, 1989.

FISCHER-MIRKIN, T. *O código do vestir – os significados ocultos da roupa feminina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FLÜGEL, J. C. *A psicologia das roupas*. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

JUNG, C. G. *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1987.

JUNG, C. G. *Fundamentos de Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes, 1996.

KÖHLER, C. *História do vestuário*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAVIER, J. *A roupa e a moda: uma história concisa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MENDES, M. *Moda e psicanálise*. Vídeo: direção Sarcon, L. M. 1994. PUC-SP.

MESQUITA, C. *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004. (coleção moda e comunicação/ coord. Káthia Castilho).

MOTA, D. In: CONGRESO DE DISEÑO E COMUNICACIÓN DE PALERMO, Buenos Aires, agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=23905>> Acesso em: 16/03/2007

NEUMANN, E. *A criança*. São Paulo: Cultrix, 1995.

PROST, A.; VINCENT, G. *História da vida privada: da Primeira Guerra aos dias atuais*. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

SAMUELS, A.; SHORTER, B. e PLAUT, F. *Dicionário crítico de análise junguiana*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1988.

SEVCENKO, N. *História da vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

SOUZA, G. M. *O espírito das roupas: a moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras. 1987.

STEIN, M. *Jung: o mapa da alma*. São Paulo, Cultrix, 2006.

VEYNE, P. *História da vida privada: do Império Romano ao ano Mil*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

WHITMONT, E. C. *A busca do símbolo*. São Paulo: Cultrix, 1990.

WHITMONT, E. C. *O retorno da Deusa*. São Paulo: Summus, 1991.